

LETRA A LETRA*

Sônia Borges V. da Mota

Universidade Federal de Goiás

O presente trabalho procura mostrar que a crítica ao fonocentrismo é essencial para o desenvolvimento dos estudos sobre a escrita. A filosofia e a lingüística sempre tiveram como objeto privilegiado a modalidade oral da língua. Esta primazia da oralidade, que coloca a escrita em um lugar de exterioridade/secundariedade, não pode ser considerada inocente. Seu caráter ideológico é denunciado por J. Derrida e M. Foucault ao mostrarem que esta postura carrega o peso de toda uma tradição filosófica logofonocêntrica, que se ordena em torno das noções de substância e de representação. Para Derrida, é necessário retornar ao Curso de Lingüística Geral, às páginas consagradas ao “valor do signo lingüístico onde à escrita, reabilitada, é atribuído um lugar entre outros sistemas, ao lado do “alfabeto dos surdos-mudos”, dos “ritos simbólicos”, das “formas de polidez”, dos “signos militares”, etc. (Cf. Saussure, 1974: 25) A desconstrução da concepção representacionista da escrita exige o retorno a Saussure porque implica o reconhecimento da tríade língua / fala / escrita. Esta, por sua vez, possibilita a compreensão de que a distinção entre fala e escrita não pode ser reduzida à diferença entre as suas substâncias de expressão. Na pesquisa que vimos desenvolvendo – “Projeto escrita: resignificando a produção de textos” – (CNPq / 1997 - 1999), os dados já obtidos têm apontado para a relevância da desconstrução da visão representacionista quando se trata do ensino da língua materna. Estamos desenvolvendo

* Este artigo é uma adaptação de parte de minha tese de doutorado “O quebra-cabeça: a instância da letra na aquisição da escrita”, 1995, PUC/SP. Texto mimeo.

uma experiência alternativa de alfabetização, e é possível observar, mesmo nas produções bem iniciais das crianças, características gráfico-textuais reveladoras de um funcionamento operado pelo que é da ordem da língua (escrita). Nesta experiência as crianças são colocadas em situações de leitura e de escrita de textos. É nossa hipótese que a intensificação de suas relações com textos possibilita a sua “entrada” na escrita como efeito não de ensino, mas do próprio funcionamento da linguagem. Neste caso, a escrita não é mais uma forma cômoda de manifestação – ou de materialização – da sua fala, mas estabeleceria com ela uma relação de constituição mútua no plano da língua.

As várias teorias da alfabetização convergem quanto a um ponto: todas têm a noção de representação como eixo do seu corpo teórico. Ferreiro fala da alfabetização como um construção da “representação conceitual” da base alfabética. Vygotsky diz que a criança constrói a escrita “como representação da fala para, mais tarde, reconstruí-la como representação no mundo” (1982). Investigadores, como Kennet e Yetta Goodman (1987, 1990, 1991), Frank Smith (1989), Foucanbert (1994), que têm em comum uma visão pragmático-funcionalista da aquisição da escrita, também manifestam uma posição representacionista ao afirmarem que o processo de alfabetização é guiado pelas construções conceituais da criança, primordialmente por suas representações cognitivas sobre os usos sociais da escrita. Em qualquer uma dessas teorias – porque marcadas pela compreensão idealista / representacionista clássica da linguagem – não se reconhece que a alfabetização é um fato de linguagem. Em outras palavras, um processo que ocorre no campo do lingüístico, pois a natureza particular do objeto-escrita implica a sobredeterminação da sua aquisição pelo que Saussure chamou de “a ordem própria da língua.”

O deslocamento teórico que nos levou a essas hipóteses, e tornou possível a realização desse trabalho, indica a nossa filiação às elaborações de Cláudia Lemos – o “interacionismo dialógico” – no campo dos estudos da aquisição de linguagem.

De acordo com tais estudos, inspirados no estruturalismo lingüístico, particularmente em Jakobson e Saussure, e em Lacan, o outro da criança, o outro-tesouro-de-significantes que condiciona, sobre-determina a aquisição da linguagem, “é o funcionamento lingüístico-discursivo” (cf. Lemos, 1992). No texto “Los procesos metafóricos e metonímicos como mecanismos de câmbio” (Lemos, 1992) esta pesquisadora coloca em questão a impossibilidade de representação da linguagem e aponta as noções de língua, signo, significante, metáfora e metonímia, ou seja, aponta o funcionamento da linguagem, como lugar privilegiado para a descrição da fala da criança. É exatamente o reconhecimento da resistência da fala da criança a uma descrição representacionista (que implica a sua presença, enquanto sujeito, na “origem” de suas representações sobre a linguagem) que vem possibilitando a Lemos, e a outros pesquisadores como De Vitto (1993, 1995), Calil (1994), Carvalho (1995), Carielo (1995), Mota (1995), reconhecer que sob a aparente indeterminação e a grande heterogeneidade de formas que aparecem na fala e na escrita inicial está a sua “dependência dialógica” (cf. Lemos, 1987). Isto significa que o universo discursivo em que criança está inserida é determinante de sua fala e de sua escrita, e por isso mesmo, condição de sua interpretação.

No campo dos estudos sobre a escrita, o reconhecimento da inscrição do processo de sua aquisição no campo do lingüístico abre perspectivas para que as relações oralidade/escrita, nesse processo, sejam consideradas segundo um novo prisma. A inclusão da noção de língua abre uma brecha na clausura da relação dual oralidade-escrita em que a concepção representacionista as colocou. Ao pesquisador fica, então, aberta a possibilidade de descrever as transformações gráfico-textuais na escrita da criança, até então desconsiderada pelas teorias da alfabetização, enquanto efeito do funcionamento lingüístico-discursivo que as incluem. Neste funcionamento, linguagem oral e linguagem escrita emergem numa relação de mútua constituição que se deixa perceber no jogo

metaforonímico de unidades lingüísticas de diversas naturezas e extensões.

A natureza da letra, ou seja, dos aspectos gráficos da escrita e o seu papel no processo de aquisição da escrita talvez possam ser melhor compreendidos se buscarmos em outra escrita, que não a alfabética, elementos de reflexão. Tomemos para isso a escrita chinesa.

Na **Gramatologia** (1967), Derrida diz que o arrombamento da posição logofonocêntrica “foi anunciado antes pelo lado da literatura e da escritura poética, que da Filosofia:”

Este é o sentido dos trabalhos de Fenollosa, cuja influência sobre Ezra Pound e sua poética, é sabida: esta poética irredutivelmente gráfica era, como a de Mallarmé, a primeira ruptura da mais profunda tradição ocidental. A fascinação que o ideograma chinês exercia sobre a escritura de Pound adquire assim toda a sua significação historial. (Derrida, 1973: 116).

Haroldo Campos, em seu belo artigo, “Ideograma, Anagrama, Diagrama, uma leitura de Fenollosa” (1994), conta que o poeta era apaixonado pela arte japonesa e pela poesia chinesa. Estudou em Harvard, e foi convidado para lecionar Filosofia no Japão, onde se dedicou, ao longo de toda a sua vida, a estudar o caráter plástico daquela poesia, ou seja, as relações entre o sentido poético e a configuração gráfica.

Fenollosa deixou como herdeiro cultural Ezra Pound, que, conforme Campos, tornou-se “*tradutor-inventor*” da poesia chinesa.

Em suas investigações, Fenollosa procurou perceber na análise intrínseca dos caracteres ideográficos, as fontes de prazer estético que os textos da poesia sino-japonesa proporcionam. Se Jakobson e Saussure se dedicaram à pesquisa do jogo fônico no verso, ele se entregou a um trabalho árduo e longo que o levou, segundo Haroldo de Campos, a poder reconhecer ...

na poesia escrita chinesa, em nível grafemático, portanto, os harmônicos (overtones) vibrando diante do olho e “colorindo” todos os planos semânticos, à maneira de uma “dominante”. (Campos, 1994: 44).

Segundo Jakobson, “*pode-se definir o dominante como o centro de enfoque de um trabalho artístico: ele regulamenta, determina e transforma os seus outros componentes. O dominante garante a integridade da estrutura. [...] Na atualidade [...] e entonação passa a ser ‘dominante do verso’*”. (Jakobson, s.d: 485).

Como mostra Fenollosa, os ideogramas compõem-se em cadeias para produzir sentidos impossíveis a uma unidade isolada. O processo ideogramático de compor, segundo descreve, “*é equiparado ao da construção da metáfora: o uso de imagens materiais para sugerir relações imateriais*” (op. cit. 56). O que se pode perceber na Figura 01:

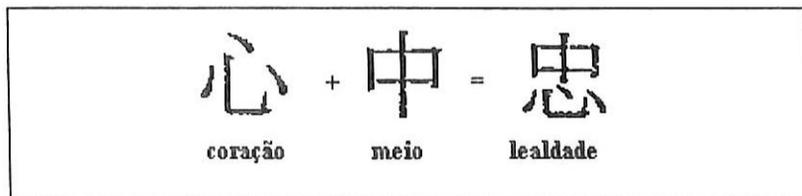


Figura 01

Pode-se ver que o pictograma *sol* se redistribuiu, se repete, por todos os signos construtivos do verso, “*incidindo no de erguer e introjetando-se no de leste, como se um único grafemático regesse, com suas figuras em mutação, toda a cadeia filmica da frase.*” (Fenollosa, op. cit. 56) (Figura 02).

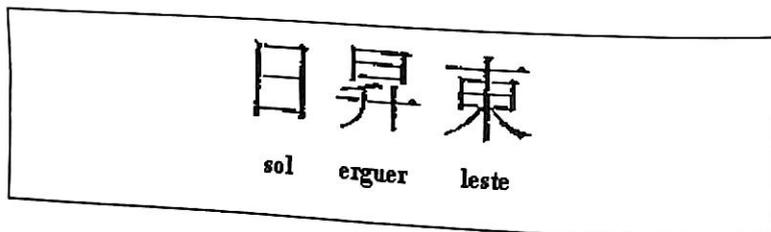


Figura 02

Parece-nos interessante, também a partir do artigo de Campos, citar um comentário de François Cheng, chefe do Centro de Linguística da Chinesa da *École Pratique des Hautes Études*, de Paris:

Mais do que simples suportes de sons, os ideogramas se impõem com todo o peso de sua presença física. Signos-presença e não signos-utensílios, eles chamam a atenção por sua força emblemática e pelo ritmo gestual que comportam. Em virtude de sua escrita, os chineses têm a impressão de apreender o universo através dos traços essenciais cujas combinações revelariam as leis dinâmicas da transformação. Não é por acaso que na China a caligrafia que exalta a beleza visual dos caracteres, tornou-se uma arte maior. (Campos, 1994: 59).

No exemplo a seguir, sente-se a irradiação e contágio recíproco entre formas que se repetem com diferenças. Contemplando os caracteres na sua ordem, tem-se, com efeito, a impressão de se assistir ao processo de desenvolvimento de uma árvore. (Figura 03).

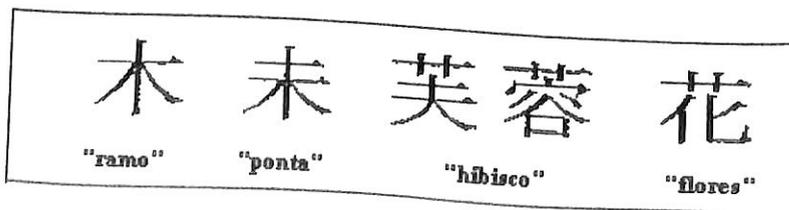


Figura 03

Derrida salienta que o modelo chinês funciona como um interruptor do logocentrismo ocidental, uma vez que é na pauta visual que reconhece a função poética. Livre do fonocentrismo, da posição secundária de representação da fala, a escrita chinesa pode significar no nível gráfico. Vejamos o que isto tem a ver com a escrita das crianças. Foi possível observar na escrita de Paloma que, de certo modo, nela também ocorre “*irradiação e contágio recíproco entre estruturas*”.

Na Figura 04, produção de Palloma, bem do início do ano, as letras estruturam-se em pseudo-palavras, que mantêm uma certa regularidade, a partir de outra palavra (marca?) que veio do campo do outro: da palavra **alna** (aluna), que faz parte do cabeçalho que mostrar: a professora escreveu na lousa. Esta palavra repete-se compondo estruturas diferentes ao longo de quase todo o texto. É possível percebê-la sob as modificações. Trata-se da aparição do mesmo sob a figura de um outro, ou com outro semblante, um jogo com as diferenças. Ou da “*diferência*”, como diz Derrida, já que não se trata apenas de um trabalho com oposições, mas do funcionamento da linguagem, em que não há marcações prévias.

Esta composição visual que se inscreve – ou que se escreve – no texto da criança é também determinada pelo jogo entre os **espaços em branco** e os **espaços plenos** das palavras. Pode-se dizer que o “*real da língua*” comparece nos textos da criança nessas **metáforas de estruturas**, produzidas pelo jogo de associações e combinações diferenciais de unidades que já são da língua constituída.

Admitir a língua como um sistema não suturável – ou não representável – que existe para além do sujeito, não faz dela algo que não possa ser descrito. Ao funcionamento inconsciente da língua cabe subtrair as unidades lingüísticas às leis do acaso. Essa sistematicidade singular que nelas se inscreve, responsável pelo estranhamento que causam ou pela ambigüidade que apresentam, é efeito do “*real da língua*”, que excede o nível gráfico e fonológico da alfabetização. Levar em consideração a

antecede, como unidade de análise. O papel do Outro na constituição da escrita da criança, não se limita ao de provedor de unidades que se acrescentariam como unidades isoladas às que já são do seu domínio. Seus efeitos são de categorização de unidades e, simultaneamente, de constituição de estruturas.

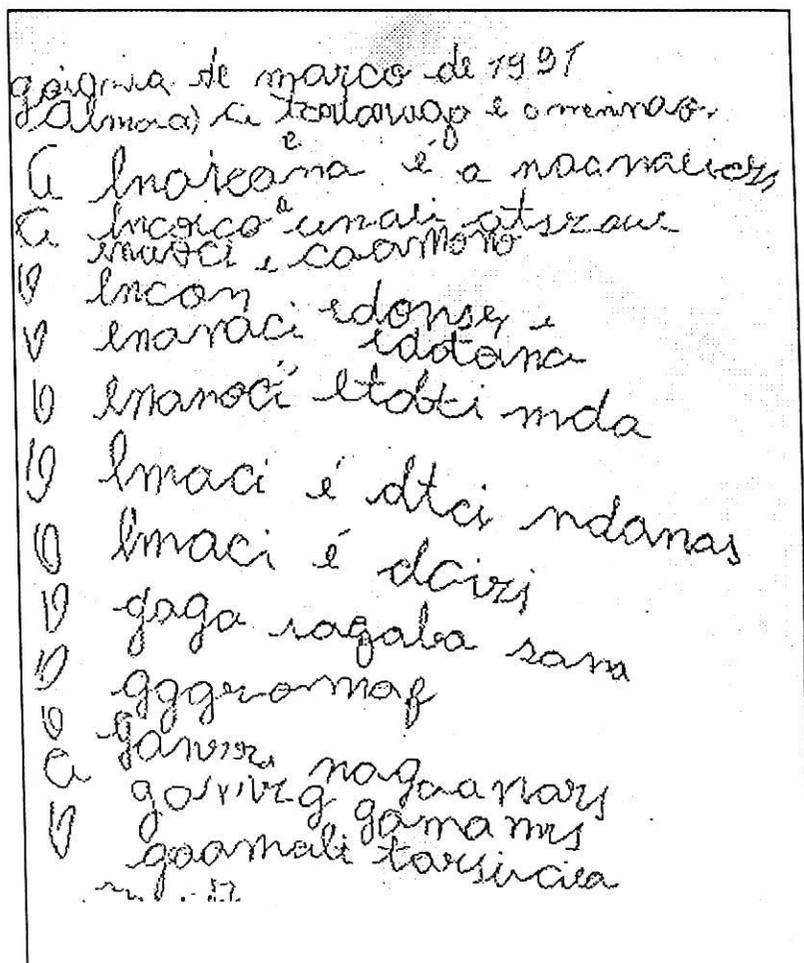


Figura 05

Os textos inscrevem novas letras e novas combinatórias dessas letras no texto de Palloma. Entretanto, isso importa menos que a “significância” que é atribuída às letras, ou às combinatórias, retroativamente como efeito dessa inscrição.

Observemos os fragmentos: **O imaci é dtci ndama s**, que aparece na tarefa do dia onze (Figura 05) é efeito do retorno, ou seja, da resignificação dos “encadeamentos de letras” presentes numa produção do dia seis (Figura 06), entre os quais: **E lomci é d dmctima**.

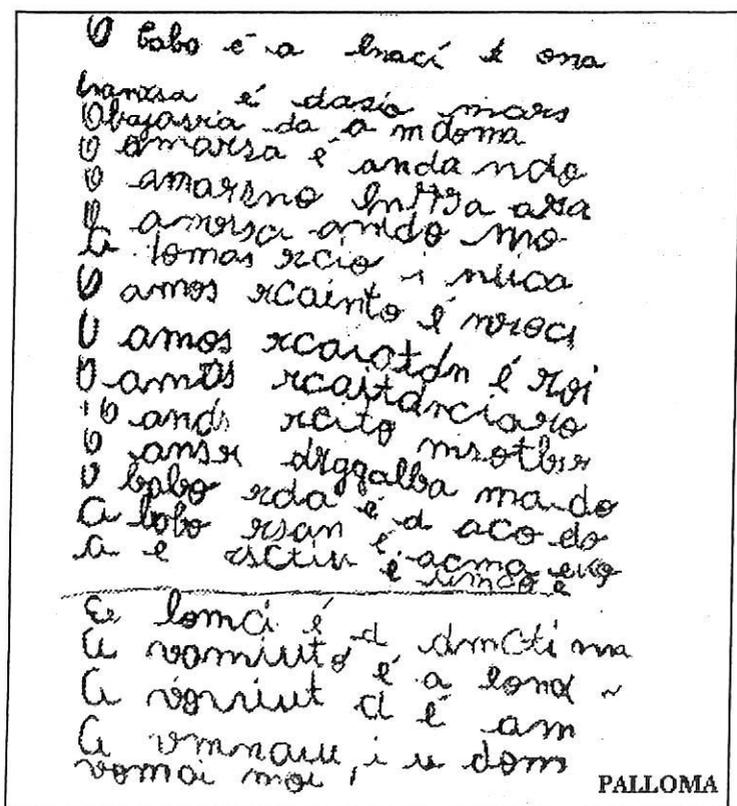


Figura 06

Nesse processo de ressignificação essas unidades são diferenciadas; emergem suas semelhanças e dissemelhança pelo fato de serem colocadas em relação. Pode-se dizer também, que já assumem uma posição estrutural. Não ainda as que virão a ter no “*só depois*” quando assumirem um valor no conjunto das unidades de um discurso concreto. A categoria e a posição assumidas agora são virtuais, possibilitam as que hão de vir.

As produções até aqui apresentadas são representações da linguagem, mas no sentido psicanalítico do termo. Representações que, sob a pressão do imaginário, apresentam formas aparentemente descoladas umas das outras. É pouco a pouco que irão emergindo como cadeias cujas características serão da língua portuguesa constituída. Mas, note-se, a ordem que presidirá essa emergência vem do Outro, “*de fora*”, para retormarmos a expressão de Freud.

Referências Bibliográficas

- BARTHES R. (1973). Os prazeres do texto.
- SAUSSURE F. (1976). Curso de Linguística Geral. São Paulo, Cultrix.
- DERRIDA, J. (1973) Gramatologia. São Paulo, Perspectiva.
- CAMPOS, Haroldo. (1994). Ideograma, Anagrama, Diagrama, uma leitura de Fenelosa. São Paulo, Editora USP.
- MILNER, J. C. (1987). O Amor da Língua. Porto Alegre, Artes Médicas.
- LEMOS, C. (1992). Os Processos Metafóricos e Metonímicos. Substratum. 1 (1): 121 - 135.